

> A nova psicologia de Nietzsche, “rainha” de todas as ciências

> Nietzsche's new Psychology: the “queen” of all sciences

por Osni Carlos de Souza Gali

Mestre em Filosofia pela UEM/PR. Técnico das disciplinas de Filosofia e Sociologia do Núcleo Regional da Educação de Umuarama/PR. E-mail: osnigali@gmail.com. Orcid: 0009-0003-6628-9847.

Resumo

Este artigo tem por objetivo evidenciar a proposta nietzschiana acerca da “rainha das ciências”, a Fisiopsicologia. Ela nasce em contraposição às concepções metafísicas tradicionalmente aceitas pela Psicologia até então. Na perspectiva do autor alemão, essa poderosa ferramenta permite-nos avaliar como as interpretações científicas podem, ao mesmo tempo, promover ou impedir o desenvolvimento das potencialidades humanas. Temas recorrentes na filosofia, como a alma (*psykhé*), e na psicologia, como a consciência (*conscientia*), serão substituídos pela noção de Vontade de Potência, isto é, configurações de impulsos que revelam, através de sintomas, a morfologia de determinada configuração.

Palavras-chave: Nova Psicologia. Fisiopsicologia. Vontade de Potência. Impulsos.

Abstract

This article aims to highlight Nietzsche's proposal about the “queen of sciences”, Physiopsychology. It came to light in opposition to the metaphysical onceptions traditionally accepted by Psychology until that moment. From the German author's perspective, this powerful tool allows us to evaluate how scientific interpretations can, at the same time, promote or impede the development of human potential. Recurring themes in philosophy, such as the soul (*psykhé*), such as conscience (*conscientia*), in psychology, will be replaced by the notion of Will to Power, that is, configurations of impulses that reveal, through symptoms, the morphology of a given configuration.

Keywords: New Psychology. Physiopsychology. Will to Power. Impulses.

> Artigo recebido em 26.06.2024 e aceito em 25.02.2025.

Introdução

Jamais um mundo tão *profundo* de conhecimento se revelou para navegantes e aventureiros audazes: e o psicólogo, que desse modo “traz um sacrifício” – que não é o *sacrifizio dell' intelletto*, pelo contrário! –, poderá ao menos reivindicar, em troca, que a psicologia seja novamente reconhecida como rainha das ciências, para cujo serviço e preparação existem as demais ciências. Pois a psicologia é, uma vez mais, o caminho para os problemas fundamentais¹.

O que Nietzsche designa como nova psicologia (*Die neue Psychologie*) estende-se sob o plano do fisiológico e descarta a dicotomia metafísica *corpo* e *alma*. A tradicional forma de se conceber a psicologia em sua época (século XIX), apesar de seu desenvolvimento em relação às concepções dos antigos filósofos, ainda conservava valores platônico-cristãos ao estabelecer a separação de fenômenos psíquicos (mentais) dos corporais (fisiológicos)². A psicologia, no contexto do autor alemão, já havia deixado de ser o estudo da alma (psique), tema comum entre os filósofos mais antigos, dentre eles, Descartes. Nela, o que será estudado é a consciência/mente, mas, embora o método tenha avançado ao longo de sua “emancipação” perante a filosofia, ela ainda conserva a dualidade metafísica e a metodologia da introspecção (olhar para dentro de si)³, que serão expostas, por Nietzsche, como falsas noções.

Esse modo de interpretar da psicologia de sua época estabelece a mente como fenômeno independente ao fisiológico. Para o caso de Nietzsche, como já mencionado, não se segue o mesmo entendimento, ou seja, a mesma interpretação. O autor conclui que o que a tradição dos estudos psicológicos denomina de psique nada mais é do que o próprio desenvolvimento, embora em grau de maior complexidade das funções fisiológicas, isto é, o corpo como anterior à alma. Para Nietzsche, o corpo é o “pai da alma” e, ainda, o seu tutor, pois o que se apresenta em nossa consciência (mente) está relacionado às disposições fisiológicas.

Nesse sentido, faz-se necessário identificar o que a sua filosofia concebe como corpo, isto é, o fisiológico. E, como premissa à resposta, é importante iniciarmos por sua máxima: “Esse mundo é vontade de potência – e nada além

¹ Friedrich Nietzsche, 2011, § 23, p. 27.

² Na filosofia platônica, considera-se uma dualidade entre o mundo inteligível (mundo sensível) e o mundo das ideias (mundo ideal). O mundo ideal seria acessível pelo intelecto humano (razão) e não pelos sentidos, que, por sua vez, operariam no mundo sensível (Cf. Burton, 2016, p. 31).

³ Para maiores informações sobre o método patológico de Nietzsche e Ribot, que são contrários ao método metafísico da introspecção (autoanálise) em psicologia, ler o quarto capítulo da obra de Wilson Frezzatti Jr.: *Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX*, Humanitas, 2019.

disso!” (Fragmento póstumo 38[12] – junho/julho de 1885). Diante desse axioma, o autor quer dizer que o próprio corpo também é uma expressão da Vontade de Potência, ou seja, um aglomerado de impulsos que exercem uma dinâmica antagônica entre eles por vias de maior potência. Esse complexo de forças atuantes não pode ser entendido como essência do mundo justamente por não caracterizar diferenças qualitativas entre elas; ele só deverá ser interpretado como conjuntos quantitativos. As forças buscam se organizarem em quantidade ou arranjos de impulsos que, por essa condição, dominam outros arranjos menos organizados e enfraquecidos, ou seja, uma relação de domínio e obediência, porém, vale lembrar, temporária. Devido à sua fluidez, as formações estruturais de configurações de impulsos estarão sempre em movimento, de forma que os arranjos dominantes hoje poderão ser dominados amanhã.

Mas, o que isso pressupõe para a nova psicologia de Nietzsche, quando interpretamos a vida como forças atuantes em disputa por intensificação da potência?

Nietzsche estabelece sua perspectiva sobre a psicologia, batizando-a com o nome de fisiopsicologia (*Physio-Psychologie*), não pela motivação de entendê-la como a união entre fenômenos distintos, psicológico e fisiológico, mas sim com a intenção de reportá-la ao campo das pulsões (*Trieb*), de modo que tanto o psicológico quanto o fisiológico seriam compreendidos apenas como arranjos ou configurações de impulsos.

Nesse aspecto da vontade de potência (*Wille Zur Macht*), podemos entender toda a complexidade da vida sob a perspectiva do caráter transitório e inconstante, pois a luta entre as forças não objetiva um fim determinado e tampouco tenta nos revelar uma essência qualitativa por detrás de cada fenômeno. As noções de “causa” e “efeito”, por exemplo, usuais nas ciências da natureza, principalmente na Física e sua “instituição de leis”, perdem o sentido estrito do termo, porque na doutrina da vontade de potência não se estabelece uma causa originária e muito menos um efeito como resultado final⁴. Para Nietzsche, essa noção de causa e efeito é originária da falsa sensação de constância entre as forças, pelo fato de as ciências se prestarem a interpretar um substrato, ou seja, uma pequena parte e não o todo.

⁴ A filosofia de Nietzsche não é teleológica, isto é, não pressupõe um fim determinado.

Nesse sentido, também podemos entender a fisiopsicologia como um novo estilo ou perspectiva ao se fazer ciência, porque não institui leis ou interpreta acontecimentos isolados do todo, ou seja, da vontade de potência. Seus princípios norteadores andam em paralelo ao fluxo e poderão ser interpretados como sinônimos de forças ou impulsos (*Trieb*) atuantes em disputa por crescimento, não existindo uma causa originária, porque não considera a mente (consciência) o lugar onde nascem os pensamentos.

Dessa forma, o modo de Nietzsche de se fazer psicologia não estabelece a consciência como fonte originária (causa) dos fenômenos considerados psíquicos. A partir desse esclarecimento, cumpre-nos responder à pergunta: o que propriamente a fisiopsicologia analisa ou diagnostica? A resposta mais sucinta seria: a saúde ou a doença das próprias forças ou complexos (configurações) de forças, bem como se elas intensificam o crescimento natural (saúde) oriunda da disputa entre elas ou se prestam a impedir esse crescimento (doença).

1. A psicologia até Nietzsche

Conforme já exposto acima, a psicologia de sua época, segundo o autor, não conseguia responder aos problemas fundamentais, porque era limitada pelo apreço que seus estudiosos tinham pela moral. É o que se extrai do seguinte trecho:

A psicologia como um todo permaneceu até agora presa a preconceitos e medos morais: não se aventurou em profundidade. Compreendê-la como morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência, tal como faço – isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento: na medida em que é permitido ver, no que foi até agora escrito, um sintoma do que foi até aqui silenciado⁵.

Ainda nessa linha de argumentos, podemos conceber a psicologia nietzschiana como análise morfológica das configurações de impulsos, isto é, análise do tipo que caracteriza cada modelo de arranjos de impulsos (e, como já dissemos anteriormente, arranjos quantitativos e não qualitativos de tais impulsos) – portanto, uma psicologia “amoral”, se assim pudéssemos dizer. As forças não possuem qualidades em si mesmas e só poderão atuar como aglomerados de um número determinado de impulsos, nem boas e nem más,

⁵ Friedrich Nietzsche, 2011, § 23, p. 27.

somente fortes ou fracas, ou seja, níveis de potência. Nesse sentido, neutra a moralidade, os afetos tidos como imorais, o egoísmo, por exemplo, expressariam o mesmo valor, ou até maior, para a vida do que o valor do não egoísmo. Portanto, a fisiopsicologia avalia se se trata de uma configuração com centro bem definido hierarquicamente ou de seu oposto, vale dizer, de uma falta de hierarquia definida por impulsos sem direção e que não promovem, por estarem desorganizados e enfraquecidos, a intensificação da potência.

É importante estabelecermos que a fisiopsicologia concebe o corpo como anterior à mente, pois esta seria um desenvolvimento das condições fisiológicas daquele. Com isso, a nova psicologia torna os fenômenos psicológicos mais objetivos, pois todo estado psíquico está associado a uma multiplicidade de estados que o antecede, as ramificações nervosas⁶.

Isso não significa que os processos cognitivos oriundos de um corpo saudável representem a certeza da mesma saúde para o caso fisiopsicológico. Assim, saúde fisiopsicológica não está diretamente relacionada à saúde fisiológica e vice-versa. O próprio Nietzsche seria um exemplo disso, sua condição fisiopsicológica é saudável apesar de sua recorrente debilidade fisiológica. Nesse sentido, ele escreve: “aos trinta e seis anos atingi o ponto mais baixo de minha vitalidade, [...] e o inverno seguinte, o mais pobre em sol de minha vida, [...]. Esse foi meu nadir: *O andarilho e sua sombra* nasceu durante ele”⁷. Continua o autor alemão no parágrafo seguinte: “no outro inverno, meu primeiro inverno genovês, aquela dulcificação e espiritualização quase inseparável de uma extrema pobreza em sangue e músculo produziu *Aurora*”⁸. O que o autor descreve reforça o que dissemos logo acima, sendo que a saúde fisiopsicológica não segue o mesmo padrão da saúde fisiológica, até porque uma de suas principais obras, *Aurora*, nasceu durante um precário período de sua saúde: “a perfeita luz e alegria, mesmo exuberância do espírito, que a referida obra reflete, harmoniza-se em mim não só com a mais profunda fraqueza fisiológica, mas até mesmo com um excesso de sensação de dor”⁹. O que Nietzsche ressalta ser de “saúde psicológica”

⁶ “O entendimento de que a fisiologia é essencial para o desenvolvimento de uma psicologia mais científica e menos abstrata, permitindo que ela passe a se ligar a vida e seus mecanismos, segundo Frezzatti, é o entendimento de Ribot. Segundo ele, O método experimental rigoroso permite estudar as variações de fenômenos da consciência e não a própria consciência e poderíamos também dizer que é muito próximo ao pensamento de Nietzsche para a mesma questão” (Cf. Frezzatti, 2019, p. 68-69).

⁷ Friedrich Nietzsche, 2008, prólogo, § 1, p. 21.

⁸ Friedrich Nietzsche, 2008, prólogo, § 1, p. 21.

⁹ Friedrich Nietzsche, 2008, prólogo, § 1, p. 22.

é justamente o que se faz diante da dificuldade, no seu caso, como ele mesmo agiu diante da sua condição de enfermidade.

Nesse aspecto, percebe-se que não há uma relação proporcional entre saúde fisiopsicológica e saúde do fisiológico; o que determina a saúde é, como Nietzsche diria, “trazer a curiosidade, caso aconteça, também para a doença”¹⁰.

Mas, como procede essa questão para o caso da tradicional psicologia? Ela estabelece “saúde mental” como bem-estar vivido pelo indivíduo, ou seja, sentir-se bem ou em paz, destoando da filosofia nietzschiana pelo fato de a saúde em instância fisiopsicológica perpassar pela disputa entre os impulsos que formam uma hierarquia e não propriamente pelo seu equilíbrio ou harmonia. Isso não significa, contudo, que o indivíduo tenha que ser uma pessoa desequilibrada para ter saúde mental, até porque a sensação de harmonia deriva de um grupo dominante que antagoniza com outros grupos que desejam o mesmo, ou seja, dominar e, vale dizer, os impulsos concentram-se no plano do inconsciente, isto é, são anteriores ao estado de consciência. A saúde das forças, para Nietzsche, pressupõe uma dinâmica entre opostos, quando essa dinâmica é reforçada configura-se em arranjos hierarquizados de impulsos, ou seja, a harmonia e a tranquilidade (paz) seriam sintomas e não causas, como se estabeleceu na psicologia até então.

Com o olhar moral enraizado na psicologia, afetos como a inveja ou a cobiça são condenados por serem imorais. Sobre essa polêmica, Nietzsche descreve a favor de uma nova psicologia: “os afetos de ódio, inveja, cupidez, ânsia de domínio, como afetos que condicionam a vida, como algo que tem de estar presente, por princípio e de modo essencial, na economia global da vida”¹¹. Nesse sentido global da vida, tais afetos não poderiam ser descartados ou negligenciados e muito menos suprimidos. Na abordagem nietzschiana, a partir de *Humano demasiado humano*, a psicologia é entendida, conforme já mencionado, como inseparável do corpo, ou seja, ela só poderá ser analisada no mesmo âmbito do fisiológico, um amálgama entre as análises biológica, química e física.

A psicologia tradicional, quando busca receitar o equilíbrio como sinônimo de saúde mental, no fundo está travando uma guerra contra os impulsos fortes e agressivos, como o ódio, a inveja, a ânsia de domínio etc., que são, por sua vez,

¹⁰ Cf. Friedrich Nietzsche, 2008, prólogo, § 1, p. 22.

¹¹ Friedrich Nietzsche, 2011, § 23, p. 27.

elementos essenciais da vontade de potência. O que ocorre é que, na grande maioria dos casos, esses impulsos não são eliminados e sempre voltarão a incomodar aqueles que os temem, justamente por inibi-los em sua descarga para fora. É o entendimento de Nietzsche na *Genealogia da moral*, segunda dissertação: “os impulsos e instintos humanos não cessam sua luta por expansão e qualquer tentativa de reprimi-los se volta contra o homem como uma doença terrivelmente cruel”¹². A inibição gerada por uma guerra travada contra esses instintos selvagens deu vida no homem ao que Nietzsche denomina de “má consciência”, a qual seria o início do declínio em relação à saúde fisiológica, segundo aponta o autor alemão; uma ruptura, um salto, em relação à realidade e ao modo como o homem percebe a si mesmo, ao mundo que o cerca e à própria vida.

Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo interiorização do homem; é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que comprimido entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora. Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade – os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões – fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o próprio homem¹³.

Para nosso autor, a má consciência marca a desestabilidade patológica das configurações dos impulsos, mesmo assim, ele considera seu nascimento no homem como inevitável, embora, de forma alguma, no sentido evolutivo de algo inicialmente pequeno que cresceu com o tempo, mas sim, do desenvolvimento que, em plena disputa, ora perde, ora ganha, e apenas poderão ser entendidos assim: estruturas ou morfologia (estudo das formas) das configurações de impulsos. Sendo assim, a consciência deve ser analisada segundo suas transformações e não sob o aspecto do que ela é. Da mesma forma que a fisiologia não se preocupa com o que é a química, a psicologia também não deve se questionar sobre o que é a consciência.

Essa mudança de perspectiva acerca do que seria de fato a gênese dos fenômenos psicológicos destoa da tradição empregada pela psicologia. Mesmo a interpretação de Ribot, apesar de semelhanças relacionáveis à filosofia nietzschiana, também acredita na ideia de progresso, seguindo a tradicional psicologia. Segundo Ribot, as funções psicológicas derivam do mais simples para

¹² Cf. Friedrich Nietzsche, 2012, II, § 16, p. 67.

¹³ Friedrich Nietzsche, 2012, II, § 16, p. 67.

o mais complexo: a consciência de si seria o resultado da evolução dessas associações primárias ou primitivas¹⁴. O homem moderno teria uma função psicológica mais desenvolvida em relação ao homem primitivo, na visão do psicólogo francês. Já para Nietzsche, como mencionado no parágrafo anterior, o homem moderno é mais enfraquecido em instâncias fisiopsicológicas do que os seus antepassados. Esse posicionamento antípoda de Nietzsche face à “velha psicologia” permite-nos relacionar suas análises entre forças expansivas e saudáveis e forças inibidoras, como a doença que a interiorização dos afetos agressivos provocou no homem. A origem da alma ou a sua história, descrita na genealogia de Nietzsche, não a considera como algo milagroso ou advindo de Deus, nem mesmo uma essência progressiva ao “bem moral” como fim almejado, ou, ainda, como um indivíduo que sente o peso da responsabilidade e, por isso, se torna mais confiável e mais moral ao longo do tempo. A disputa entre as forças não busca por um ponto determinado; elas são construções (configurações de impulsos) aleatórias, resultados (sintomas) do domínio de alguns sobre os outros e, vale ratificar, composições de domínio, entretanto, temporárias.

Para a doutrina da vontade de potência, o papel do oponente, a força contrária, representa essa condição de oposição porque também luta por vias de crescimento e exerce importante função na manutenção da vida, entendida como jogo entre forças opostas. Para a filosofia nietzschiana, a força contrária se faz necessária no processo, logo, sua destruição ou supressão não pode ser valorada como benéfica. Por outro lado, a valoração ou interpretação cristã emprega outro sentido: ela também estabelece uma batalha do “bem” contra o “mal”, mas com a diferença de um desfecho previsível e favorável do bem sobre o mal, com afincos de eliminá-lo. Para o nosso caso, o da filosofia nietzschiana, devemos entender a mesma dinâmica de luta, porém, como exemplo de domínio dos vitoriosos sobre os derrotados e não de supressão dos mesmos, até porque a vitória também é passageira e segue a mesma dinâmica, de forma que o grupo derrotado naquele momento poderá ser vencedor ou estar no comando no futuro. Nesse entendimento, o desenvolvimento das funções psicológicas tem origem no desenvolvimento das forças expansionistas que, em tese, foram interiorizadas, derrubando a ideia de força que se desenvolve do início simples ou primitivo para algo melhorado, depois de gerações.

¹⁴ Cf. Théodule Ribot, 2020, p. 71.

2. A superação da noção de “sujeito”

Outro importante aspecto da leitura fisiopsicológica é a superação da noção de “sujeito” ou do “Eu pensante” do modelo cartesiano, que era presente na psicologia da época de Nietzsche¹⁵. Da mesma forma que a consciência não pode ser interpretada como fonte de todo o nosso mundo psicológico, o sujeito cognoscente também não tem o arbítrio de escolher o que pensar, conforme o entendimento de Nietzsche. Para ele, a noção de unicidade do sujeito é falsa, e sua definição só poderia ser concebida em alinhamento com a vontade de potência, isto é, uma pluralidade de impulsos e, mais especificamente, para o caso da discussão psicológica, uma pluralidade de consciências¹⁶.

A origem do pensamento permanece oculta; há uma boa chance de que seja apenas o sintoma de uma condição muito mais ampla; na medida em que é justamente ele quem vem e mais ninguém, que ele vem justamente com esse brilho maior ou menor, ora confiante e instrutivo, ora fraco e necessitado de apoio, no geral sempre emocionante, questionador – para a consciência cada pensamento age como um estimulante – em tudo isso, algo do nosso estado geral é expresso em sinais. – É assim com todo sentimento, não significa nada em si: quando surge, é apenas interpretado por nós e muitas vezes interpretado de forma estranha!¹⁷

Isso nos demonstra dois significados importantes para a compreensão acerca da fisiopsicologia: que a consciência é a superfície ou aquilo que vem à tona com a interpretação do grupo de impulsos dominantes quando interagem com o mundo; e, neste mesmo aspecto, que quem interpreta são os próprios impulsos e não propriamente um núcleo na consciência do sujeito, justamente pelo fato de a consciência ser o resultado, mesmo que temporário, das intermináveis disputas. Para Nietzsche, a consciência é o último e mais imaturo

¹⁵ Mesmo no campo psicanalítico, a concepção de sujeito foi atravessada pelos critérios de cientificidade da época, corroborando com a ideia de subjetividade como algo de foro íntimo e com estruturas universais. Para Sawaia (1998), algumas perspectivas da Psicologia, com vistas a explicar as diferenças individuais, deram ênfase nos comportamentos acionados por agentes externos do meio, como no behaviorismo, ou na consciência e suas funções, como na corrente cognitivista. Isso deixou de lado a subjetividade em sua dimensão complexa e multifacetada, por considerá-la “da ordem do erro, da imprecisão e do desencontro” (Sawaia, 1998, p. 120). Rolnik (1995), ao traçar uma cartografia do sujeito moderno, expõe que este é um “sujeito que se vê como uma essência identitária, uma ordem estável, sempre igual a si mesma” (p. 51), como se fosse inafetável, neutro, equilibrado e portador de uma identidade (Figueiredo, 2018, p. 169).

¹⁶ As neurociências atualmente entendem que existam níveis de consciências diferentes por haver diferentes partes cerebrais que se integram numa interação mútua. Mark Solms e Oliver Turnbull publicaram, em 2002, o livro *The Brain and the Inner World*, no qual descrevem a respeito da consciência e do funcionamento cerebral: “the consciousness itself are all generated by distributed networks of brain structures such as this, with each structure contributing a particular component to the dynamics of the system as a whole”. (“a consciência em si é gerada por redes distribuídas de estruturas cerebrais como esta, com cada estrutura contribuindo com um componente específico para a dinâmica do sistema como um todo”) (Solms e Turnbull, 2018, p. 35, tradução minha).

¹⁷ Fragmento póstumo 38 [1] de junho a julho de 1885.

dos instintos: “a consciência é o último e derradeiro desenvolvimento do organismo e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte”¹⁸. Continua o autor no mesmo parágrafo: “do estado consciente vêm inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário”¹⁹. No texto *Verdade e mentira em sentido extramoral* (1873), Nietzsche identifica o intelecto como sendo oriundo de nossa necessidade de comunicabilidade²⁰. Nesse sentido, para o autor, seria também o “mestre do disfarce” e teria surgido junto com a instituição da linguagem, sendo assim, tardio, se pensarmos no tempo que a espécie humana aqui habita, e ilusório, pelos erros de interpretação que comete.

O que a fisiopsicologia analisa não é alma ou a consciência, mas sim as condições dos arranjos de impulsos que antecedem essas noções, bem como a interpretação/valoração realizada por eles. Quando interpretam a vida como algo alinhado à vontade de potência, representam impulsos potencializados; por outro lado, quando a interpretam como algo na contramão do movimento, oriundo do embate entre as forças, como no exemplo do “atomismo”²¹ e da ideia da imortalidade da alma, representam morbidez vital. Os impulsos enfraquecidos tendem a interpretar o mundo de forma idealizada, fugindo da realidade concreta apresentada pela aparente desorganização provocada pelo embate entre as forças. Para a nova psicologia, quanto mais uma interpretação se afasta da realidade, como é o caso da teologia e da metafísica, mais será considerada de origem enfraquecida das pulsões. Como no exemplo da interpretação cartesiana: a consciência, nesse modelo interpretativo, fica subentendida como uma espécie

¹⁸ Friedrich Nietzsche, 2012, p. 61.

¹⁹ *Ibidem*, 2012, p. 61.

²⁰ Nietzsche, no texto intitulado *Verdade e mentira no sentido extramoral*, reforça a ideia da imaturidade do intelecto humano, interpretação essa que também diz respeito à nossa consciência. Assim ele diz: “O intelecto, como um meio para a conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam, aqueles aos quais está vedado travar uma luta pela existência com chifres ou presas aguçadas. No homem essa arte do disfarce chega a seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, mentir e ludibriar, o falar-por-trás-das costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante (Nietzsche, 2009, p. 531). Segue o autor na próxima página do mesmo texto: “O que sabe propriamente o homem sobre si mesmo! Sim, seria ele sequer capaz de alguma vez perceber-se completamente, como se estivesse em uma vitrina iluminada? Não lhe cala a natureza quase tudo, mesmo sobre seu corpo, para mantê-lo à parte das circunvoluções dos intestinos, do fluxo rápido das correntes sanguíneas, das intrincadas vibrações das fibras, exilado e trancado em uma consciência orgulhosa, charlatã! Ela atirou fora a chave: e aí da fatal curiosidade que através de uma fresta foi capaz de sair uma vez do cubículo da consciência e olhar para baixo, e agora pressentiu que sobre o implacável, o ávido, o insaciável, o assassino, repousa o homem, na indiferença de seu não-saber, e como que pendente em sonhos sobre o dorso de um tigre” (*Ibidem*, 2009, p. 532).

²¹ O Atomismo é uma doutrina filosófica e científica que defende que a matéria é composta por átomos, partículas indivisíveis como uma mônada. É a substância mais simples, indivisível, além de indestrutível (Cf. Leibniz, 2009, p. 38).

de “unidade substancial” e, até mesmo, superior ao corpo, como uma “câmara de controle” de nossas escolhas ou valorações, uma espécie de “voz interior” que teria, através da capacidade de nosso espírito, o poder para discernir entre as coisas ilusórias das realmente “verdadeiras”²². Assim define o autor francês:

– por isso reconheci que eu era uma substância cuja essência ou natureza não é outra coisa senão pensamento, que, para existir, não tem necessidade de nenhum lugar nem depende de causa alguma material. De sorte que este eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e até mais difícil de conhecer que este; e, embora não existisse o corpo, ela não deixaria de ser o que é²³.

Nesse sentido, a psicologia enraizada em valores platônico-cristãos, como o refletido no método cartesiano, que, conseqüentemente, afasta-se da realidade concreta, não conseguiria atingir uma maior profundidade por estar presa numa interpretação que deriva dos impulsos enfraquecidos ou doentes. Como já dito, tais interpretações desvalorizam a realidade em prol de um mundo fictício puramente imaginário.

Em outro caso, na Física, por exemplo, quando se estabelece uma interpretação parcial e não geral dos fenômenos físicos presentes na Natureza, estar-se-á, de certa forma, revelando sintomas de morbidez dos impulsos, diria Nietzsche. Nesse contexto, a Física, assim como as demais ciências, atuaria sob um plano raso e simplificado das interpretações de mundo. Uma visão mais robusta dos fenômenos, conforme já consignado neste trabalho, deve alinhar-se à doutrina da vontade de potência e não poderia prescrever conceitos metafísicos, na ideia de fixar “leis regentes”, como é o caso das ciências.

A fisiopsicologia, ou a nova perspectiva das funções psicológicas, seria a rainha das demais ciências, justamente porque consegue diagnosticar a intensidade de potência que criou determinada interpretação de mundo. Nesse aspecto, quando um cientista, um filósofo ou até mesmo um artista interpretam a vida, estarão dando testemunho de suas configurações de impulsos. É por meio do ato interpretativo, entendido como sintomas de determinada configuração, que a fisiopsicologia analisa se a interpretação é oriunda de uma configuração saudável ou de uma configuração doente e enfraquecida.

E qual é a preocupação de Nietzsche em relação aos diagnósticos realizados por essa nova perspectiva? Para respondermos a tal questão, devemos

²² Cf. René Descartes, 1999, p. 32.

²³ René Descartes, 1999, p. 51.

anular qualquer subjetivismo e será necessário retornar a um ponto no conceito da vontade de potência: todo antagonismo entre as forças é movido pela ânsia ou desejo de conquista por mais força, ou seja, crescimento. Nesse sentido, as interpretações superficiais presentes nas ciências tradicionais não contribuem para o avanço ou desenvolvimento do homem e, para piorar, ajudam a frear sua transformação natural por mais potência.

Abre-se também a questão: como seriam essas ciências concebidas a partir das noções partilhadas pela doutrina da vontade de potência? E, mais, deixando de interpretar uma pequena parte do todo, como as ciências se comportariam na ausência dos limites e instituições de leis parciais? Nietzsche não nos revela respostas propriamente ditas, porque se assim o fizesse estaria na contramão de suas próprias teorias, que concebem a disputa entre as forças como resultados indeterminados. Assim, o autor se preocupa em descrever o que a nova ciência deveria evitar de levar em consideração e não como ela deveria ser.

Apesar disso, podemos apontar alguns caminhos que a *Die neue Psychologie* indica como ela mesma deveria ser: antimetafísica, anti-idealista e antimoralista. As dualidades, corpo e mente e interior e exterior, não possuem mais sentido ou valor sob essa nova perspectiva. O idealismo que pretende separar, na experiência sensorial de um sujeito, o que é assimilado do que não pode ser conhecido também não terá vez na nova psicologia. E, por fim, o moralismo não deve criar vínculo com essa nova base conceitual; sua incapacidade de se aprofundar em assuntos realmente importantes em relação à psicologia se deve ao fato de estabelecer o “bem” como desmedidamente mais valioso em relação ao “mal” quando se objetiva uma saúde mental. A moralidade, ao contrário do que pregam seus idealizadores, segundo o nosso autor, limita as potencialidades humanas, sendo assim, não seria caminho à elevação porque é justamente o seu oposto, isto é, uma castração ou domesticação do animal homem.

3. Considerações finais

Acreditamos que Nietzsche gostaria de revelar o quanto cada interpretação de mundo pode contribuir ou prejudicar o desenvolvimento das potencialidades humanas. Ele também compactua com uma forma de “redenção pessoal” em sua

forma mais íntima, não do homem em sociedade – porque, como vimos, para o autor de Zaratustra, a moral ou o “bom” para o grande número de pessoas não seria caminho para a elevação. E quando se prestou a falar acerca da modernidade e seus valores, ou do homem moderno, seu diagnóstico é alarmante. Para ele, o homem de sua época, ao contrário de ter desenvolvido, declinou bruscamente em sentido vital. Nesse aspecto, a forma como são produzidas as ciências, as artes e a cultura, na modernidade, segundo o filósofo alemão, cresceu em um solo empobrecido e limitado em fertilidade. Dessa maneira, a fisiopsicologia teria também a função de revelar, além de discutir, o avanço ou o declínio, através do método genealógico de interrogar a gênese de determinada valorização/interpretação. A crítica de Nietzsche à psicologia e às demais ciências de sua época aborda esse panorama que apresentamos até aqui neste artigo: preocupando-se em diagnosticar os sintomas de elevação e os sintomas daquilo que declina.

Com os seus diagnósticos, é possível estabelecer-se um valor, no sentido da afirmação da vida, ou seja, que valor tem cada ciência perante o desafio de estimular a própria vida?²⁴ Ao respondermos à questão, deparamo-nos com seu ponto mais importante: estabelecer o valor de determinada interpretação, isto é, de cada ciência. Em sua interpretação, não importa a falsidade de uma proposição, mas o quanto ela promove ou impede o crescimento de potência²⁵. Sendo assim, o valor da psicologia de sua época, para o avanço humano, não atingiu suas demandas mais fundamentais, denunciando sua condição de fraqueza e superficialidade porque não considerava a vida como ininterrupta autossuperação de si mesma. Essa análise segue-se para as demais ciências, bem como para todas as formas de expressões humanas. A fisiopsicologia, nesse aspecto, pode ser considerada, segundo o seu autor, como a rainha de todas as demais ciências e, para além disso, rainha também das artes e instituições culturais, pois todas essas expressões serão investigadas como pulsões ou quanta²⁶ de forças atuantes.

²⁴ A partir desta indagação, Nietzsche realiza uma crítica ao moralismo presente na Alemanha de sua época, bem como aos falsos ideais que tinham por objetivo a elevação da sociedade pelo conhecimento.

²⁵ Cf. Friedrich Nietzsche, 2011, p. 11.

²⁶ Os impulsos serão identificados como *quanta* de força e só poderão ser definidos em sua quantidade e jamais qualitativamente. Nietzsche não considera as produções ou expressões humanas como boas ou más. Um arranjo com um número maior de *quanta* exerce domínio sobre o grupo em menor número. A intensificação da força, nesse sentido, estará relacionada ao número de *quanta* existente em cada configuração de impulsos numa dinâmica antagonista com o grupo opositor. Para melhor esclarecimento, ver Wilson Frezzatti, 2019, p. 135-136.

Nietzsche não deixa claro como seriam as ciências em sua perspectiva, entretanto nos oferece um exemplo de interpretação que concretiza essa pretensão. A personagem conceitual Zaratustra é um exemplo de saúde fisiopsicológica²⁷ na medida em que as suas interpretações representam uma configuração bem hierarquizada dos impulsos. É a personagem que representa na filosofia de Nietzsche a afirmação da vontade de potência, isto é, da vida. No sentido que pontuamos nesse trabalho a respeito da nova psicologia, Zaratustra desponta na fisiopsicologia pelo fato de objetivar a “superação do homem”, ou seja, proporcionar, embora sem um fim determinado, como nos casos do “apequenamento científico”, o contínuo movimento das forças visando ao ato criativo como sintoma de saúde forte. Para ele, o ato apenas contemplativo, – por exemplo, idealizar um mundo melhor após a morte, representa a fraqueza vital, enquanto o ato criativo, que emancipa e organiza o sentido da vida, porque parte da realidade, no aqui e agora, sem transcendência alguma, representa sintoma de exuberante força. Indo mais a fundo, embora nesse mesmo sentido, a filosofia de Zaratustra intercala-se com a fisiopsicologia no momento em que a personagem nos demonstra o valor de uma interpretação própria que seja opositora à moralidade. Sendo assim, deve ser um ato particular, consigo mesmo e não de forma coletiva de moral e seus costumes, essa é sua sabedoria, o fortalecimento para a ascensão humana. Sua interpretação representa uma configuração altamente hierarquizada e que tem seu centro de gravidade bem definido, de modo que é possível entendê-la como saudável e contribuinte para que o contínuo crescimento de nossas potencialidades seja estimulado e avance.

Para concluirmos, o papel da rainha das ciências é viabilizar uma forma de mensuração que nos revele em quais interpretações a vida é preservada e pode avançar, bem como em quais ela apenas se preserva e declina. O fator que retrata isso é morfológico, pois nos revela a estrutura de determinadas configurações de impulsos. Nesse aspecto, a estrutura pulsional como reflexo das interpretações de Zaratustra o estabelece como promotor do desenvolvimento do homem quando tem por necessidade advogar em favor da vida em todas as suas múltiplas

²⁷ Ainda sobre a definição de personagem conceitual nas produções filosóficas, Deleuze e Guattari chamam a atenção para a diferença entre personagens de diálogo e personagens conceituais. Eles só coincidem nominalmente, mas não têm o mesmo papel (cf. Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2005 p. 85). Segundo os autores, a personagem de diálogo expõe conceitos: “no caso mais simples, um entre eles, simpático, é o representante do autor, enquanto que os outros, mais ou menos antipáticos, remetem a outras filosofias, das quais expõem o conceito, de maneira a prepará-los para as críticas ou as modificações que o autor lhes vai impor. As personagens conceituais, em contrapartida, operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de seus conceitos” (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 2005, p. 85).

condições, desde as alegrias até as suas mais profundas tristezas, ou seja, não as avalia como boas ou más, mas como necessárias.

Como foi dito, se fosse possível indicar um exemplo de força ou robustez dos impulsos regentes, seria certamente a personagem Zaratustra; mas não porque ele seja forte e sempre estará em modo ascendente, e sim porque está alinhado com o movimento natural do embate entre as forças, ou seja, fortalecer-se significa também declinar²⁸. Nesse aspecto, o saudável fisiopsicologicamente é o que melhor supera os obstáculos da vida e não o sempre forte. Falar em “grande saúde”²⁹ em Nietzsche requer uma grande dose de suspeita, pelo fato de ela ser concebida a partir das transformações ao invés da calma ou inércia perante os desafios. Os indivíduos com impulsos saudáveis são fortes quando decidem superar as contingências da vida, em contraste a fugir ou exterminá-las (ressentimento ou impotência) ao criarem mundos paralelos e idealizados que desvalorizam a realidade que nos cerca. Sendo assim, o papel da fisiopsicologia é diagnosticar essa saúde ou a falta dela, tanto no indivíduo quanto nas interpretações científicas, determinando sua intensidade de potência e o quanto ela contribui para o desenvolvimento do homem enquanto ser em transformação e multiplicidade, é a isso que Nietzsche se refere como problemas fundamentais.

²⁸ O declínio de Zaratustra inicia-se quando ele deixa a caverna no monte, por onde esteve por mais de dez anos, e resolve descer e juntar-se ao povo na comunidade logo abaixo. Sua intenção era levar um presente aos homens da comunidade, mas foi mal-recebido por aqueles que não conseguiam entendê-lo. “Zaratustra quer declinar como o sol que declina, quer descer, do mesmo modo que o sol faz à noite” (Nietzsche, *Prólogo*, § 4, 1998).

²⁹ “O termo ‘Grande Saúde’ (*grosse Gesundheit*) é definido no § 382 do Livro V de *A Gaia Ciência*. Essa grande saúde é a que Nietzsche reivindica como sua e apresenta como a condição fisiológica do tipo Zaratustra [...]. Trata-se de uma saúde que não se pode simplesmente possuir, mas que sempre tem de ser conquistada, na medida que é necessário abrir mão dela uma vez adquirida. Isso relativiza a oposição entre saúde e doença admitida pelo senso comum. Nietzsche sustenta que uma saúde capaz de expor-se à experiência da doença é mais valiosa e mais forte. Dado que toda intensificação no sentimento de potência exige superar resistências, necessariamente desagradáveis” (Salanskis, 2016, p. 249-250).

Referências

- BURTON, Neel. *O Mundo de Platão: a Vida e a Obra de um dos Maiores Filósofos de Todos os Tempos*. São Paulo: Cultrix, 2016.
- DELEUZE E GUATTARI. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2006.
- DESCARTES. Paixões da Alma. In: *Os pensadores* (Coleção). São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999. p. 120-121.
- FIGUEIREDO, M. MARTINEZ. *A psicologia e as noções de sujeito: uma introdução*. I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL. <https://anais.uel.br/portal/index.php/ppgpsi/article/view/295/244>, 03/01/2024 - Londrina: Resumo/Anais UEL, 2018.
- FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. *NIETZSCHE e a psicofisiologia francesa do século XIX*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2019.
- LEIBNIZ, G. *A monadologia e outros textos*. Organização e tradução de Fernando Barreto Gallas e Souza. São Paulo: Ed. Hedra. 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Póstumos 1885-1887* (Volume VI). Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. In: SEED-PR. *Antologia de textos Filosóficos*. Curitiba: CEDITEC-SEED, 2009. p. 518-530.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de bolso).

RIBOT, Théodule A. *As Doenças da Personalidade*. Tradução de W. A. Frezzatti Jr. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

SALANSKIS, Emmanuel. Verbete “Grande Saúde”. In: GEN. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Editora Loyola, 2016. p. 250-251.

SOLMS, M. e TURNBULL, O. *The Brain and the inner World*. New York: Routledge, 2018.